

Texto 1: U3/U1

Copyright © 2003 Editora Manole Ltda., conforme contrato com os autores.

Editoração Eletrônica: Grupo de Chação S/C Ltda.

Capa: Gabriela Guenther

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M4861

Melo, Victor Andrade de, 1971-

Introdução ao lazer

/ Victor Andrade de Melo, Edmundo de Drummond Alves Júnior -  
Barueri, SP : Manole, 2003

Inclui bibliografia

ISBN 85-204-1716-7

1. Lazer 2. Recreação.

I. Alves Júnior, Edmundo de Drummond. II. Título.

03-0316.

CDD 790.1 ~

CDU 79

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer  
processo, sem a permissão expressa dos editores.  
É proibida a reprodução por xerox.

1ª edição brasileira — 2003

Direitos adquiridos pela:

Editora Manole Ltda.

Av. Ceci, 672 - Tanbore

06460-120 - Barueri - SP - Brasil

Fone: (0\_\_11) 4196 6000 - Fax: (0\_\_11) 4196 6021

www.manole.com.br

info@manole.com.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*Este livro é dedicado a nossos alunos, por tudo o que nos ensinaram,  
enquanto tentávamos transmitir-lhes nosso conhecimento.*



de das discussões, refletindo sobre as possibilidades de intervenção nesse âmbito e tentando estimular a conscientização por parte da população e dos poderes públicos constituídos.

Enfim, o quadro histórico apresenta alguns parâmetros de definição que devem ser considerados por aqueles que desejam melhor compreender a área de lazer:

- o lazer se configura enquanto campo acadêmico, inserido em uma longa tradição de estudos e pesquisas, embora ainda careça de completo reconhecimento no âmbito das universidades; a temática se caracteriza pelo caráter multidisciplinar;
- o lazer deve ser encarado como fenômeno social moderno, constituído no quadro das tensões entre as classes sociais; é uma necessidade social e motivo de intervenção de políticas públicas; mesmo sendo o lazer uma preocupação recente e alvo de atenção secundária, existe uma clara tendência de crescimento de ações governamentais direcionadas para esse sentido;
- o lazer se configura como um relativamente recente, mas fértil e promissor campo de negócios; é um mercado de consumo ainda não definido por completo e com grandes lacunas a serem preenchidas.

## CAPÍTULO 2

# LAZER: CONCEITOS BÁSICOS

### VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA!

Como vimos no capítulo anterior, a diferentes momentos da história corresponde um significado específico para o ato de se divertir e de buscar diversão, embora existam regularidades que devam ser observadas, em particular no âmbito da sociedade ocidental. Brincar, buscar formas de prazer para além do mundo do trabalho, sempre foram aspectos importantes da cultura, ainda que não fosse incomum a construção de um imaginário que relacionasse linearmente essas práticas humanas fundamentais a algo pernicioso, de menor valia. Como profissionais de lazer, é com seriedade que devemos encarar esse fenômeno social, percebendo que somente no campo da cultura é possível encontrar uma definição mais precisa, que nos permita trabalhar com intencionalidade e clareza.

Para que servem os conceitos? Todo ser humano, mesmo que não se dê conta do fato no seu cotidiano, baliza sua vida em sociedade por conceitos engendrados nessa mesma sociedade. Por certo, se compreendêssemos melhor tais conceitos, poderíamos encaminhar nossa vida de acordo com nossas intenções. Por exemplo, se eu entender melhor os conceitos que adoto para construir uma relação amorosa, posso identificar os problemas dessa construção e refletir sobre até que ponto ela está submetida a influências externas que não são motivo de felicidade para mim e, a partir daí, reorientar meus princípios, tentando descobrir formas de relacionamento mais satisfatórias.

Se compreender os conceitos que norteiam nossa vida representa para todos uma possibilidade de viver melhor, para aqueles

que trabalham com determinados objetos é uma necessidade primordial: como conceber que o profissional de lazer não conheça os conceitos relacionados com o objeto com o qual pretende intervir na sociedade?

Ao mesmo tempo, não devemos ignorar que os conceitos são sempre recortes da realidade, tentativas de fragmentar para melhor entender algo que se encontra presente de modo complexo em nossa vida. Assim, todos os conceitos têm limites claros, o que não significa que devam ser desprezados. Simplesmente devemos aprender a trabalhar com eles de forma dinâmica, conscientes de que sempre existem exceções a serem consideradas e que, em certo sentido, chegam mesmo a confirmar a regra.

Então, vamos começar a brincadeira! E vamos iniciar falando exatamente de cultura, palavra tão presente nas páginas deste livro e tão constante na prática daqueles que trabalham com lazer.

#### CULTURA: QUE BICHO É ESSE?

Até em função dos desordenamentos sociais, quando se fala em cultura é comum que sempre as mesmas imagens nos venham à mente. Sobre o que se escreve nos cadernos de cultura dos jornais? Sobre artes plásticas, cinema, música, literatura — normalmente sob modalidades ligadas à cultura erudita, pouco acessível a grande parte da população. Seria então a cultura algo para poucos, para os mais preparados ou mais ricos, que têm acesso a essas coisas um tanto complicadas, exibidas em espaços refinados? Música erudita seria cultura, e samba não tanto?

Sem falar que o "culto" seria um chato! Sempre vestido de forma tradicional ou moderninha demais, vive citando poetas e intelectuais, fala difícil e olha com desdém para o outro, que não alcança sua forma "avançada" de compreender o mundo.

Terríveis enganos tais compreensões e, claro, não construídas por acaso. Por trás dessas concepções existe uma ordem social que, intencionalmente, de diferentes formas — ora mais, ora menos ex-

plícitas —, acaba por afastar as pessoas comuns de determinadas manifestações, ao mesmo tempo em que tenta estabelecer certa classificação hierárquica que difunde um imaginário acerca dos diversos planos de organização cultural. Contra tais construções equivocadas, deve-se bater o profissional de lazer em sua proposta de animação cultural, como veremos mais à frente.

A primeira idéia que deve ser combatida é a de que, quando falamos de cultura, estamos nos referindo apenas a uma série de manifestações. Por certo as diversas linguagens artísticas (a música, o cinema, a literatura etc.) são partes importantes do segmento cultural, mas:

- outras linguagens, como o esporte, são também parte desse contexto;

É curioso observar como alguns entendem essa poderosa manifestação — com certeza uma das mais influentes do século XX —, como algo exterior à cultura. Vemos isso claramente em secretarias governamentais, quando temos a secretaria de cultura isolada da secretaria de esporte, esta última normalmente atrelada ao lazer. Mas não seria o lazer também cultura, como estamos argumentando? E se o esporte é cultura, por que dela se separa? Obviamente entendemos que os arranjos político-partidários nem sempre seguem com rigor os conceitos estabelecidos, mas, se quiséssemos ser mais claros, poderíamos pensar em uma única secretaria de lazer ou de cultura, dividida em subsecretarias para a arte (normalmente a secretaria de cultura trata dessas linguagens), para o esporte e mesmo para o turismo; uma secretaria que deveria, aliás, dialogar com as de educação e urbanismo, entre outras.

- as manifestações da cultura popular são tão importantes e valorizáveis quanto qualquer outra;

Lamentavelmente é comum que a maior parte dos investimentos seja destinada à cultura erudita, ficando a cultura popular a reboque da ação da indústria cultural ou pouco considerada.

- quando falamos em cultura, estamos no referindo a algo bem mais amplo que um conjunto de manifestações.

Existem vários conceitos para cultura, mas, em linhas gerais, podemos afirmar que estamos nos referindo a um conjunto de valores, normas e hábitos que regem a vida humana em sociedade. A cultura é típica dos seres humanos, que, organizados em comunidades cada vez mais complexas, necessitam estabelecer princípios para viver com alguma harmonia. Com certeza esse não é um processo simples, já que abarca os desejos humanos diversos, bastante diferenciados. Por isso, quando falamos em cultura, tratamos de algo tenso, construído do diálogo e do conflito, de trocas, manipulações e embates.

Todos vivemos imersos em nossa cultura, mesmo que não paremos para pensar nisso. Pela manhã, quando acordamos para ir ao trabalho, imediatamente pensamos em escolher uma roupa adequada. Ninguém pára e pensa: por que devo ir de roupa? Por que não saio nu à rua? Usar roupas é um elemento típico de nossa cultura. Se fôssemos indígenas, provavelmente não teríamos essa preocupação tão pronunciada.

Mais ainda, ao escolher nossa roupa, somos influenciados por fatores climáticos e pela natureza de nosso compromisso, mas também pelos modelos de vestir que estão colocados na sociedade. As diversas "modas" de vestimenta, também ligadas ao momento histórico, sugerem o que devemos escolher. Se estivéssemos no século XIX, dificilmente um homem sairia de casa sem paletó ou gravata. Já nos dias de hoje, podemos sair com vestimentas mais leves, dependendo de nossa intenção. Se estivemos em país árabe, ou se fomos criados com os parâmetros da cultura árabe, podemos escolher outro estilo de roupa, e assim por diante.

Bem, então estamos falando que, no plano da cultura, um conjunto de valores também corresponde a um conjunto de representações. Quando mudam os valores, é possível que mudem as representações, bem como algumas mudanças de representações precedem às de valores. Lembremos do movimento *hippie*, por

exemplo, que através de suas roupas despojadas contestava determinados rigores sociais e apresentava a necessidade de um outro conjunto de valores para reger a vida em sociedade, mais livres e menos controladores.

Vamos dar outro exemplo dessa articulação entre valores e representações, entre conteúdo e forma. Muitos de nós já fomos ou pelo menos conhecemos a rede de *fast-food* McDonald's. Vejamos como ela organiza seus restaurantes. As cores vermelho e amarelo são fortes, berrantes, afinal estudos de motivação já provaram que esses tons despertam o apetite. A música ambiente é alta e sempre agitada, afinal não é um ambiente planejado para se ficar muito tempo, pois a rede ganha com a rotatividade. Já percebeu o atendimento? Forçadamente gentil e muito veloz, afinal, quanto mais rápido, melhor para eles. Observe como são desconfortáveis as mesas e cadeiras típicas da rede.

Já quando vamos a supermercados as coisas são diferentes. Pisos lisos, para que se caminhe devagar: quanto mais devagar, maior a possibilidade de consumo. Objetos colocados estrategicamente nas prateleiras, à altura de cada faixa etária a ser atingida pelos produtos à venda. Produtos básicos (arroz, feijão) normalmente se encontram no fundo da loja, fazendo com que você a percorra toda e possa identificar outros produtos de interesse.

As manifestações artísticas são também face dessa articulação. Estão imersas no contexto cultural, algumas vezes no sentido de ajustamento e de reforço dos valores dominantes, outras na perspectiva de contestação, mas dificilmente desconectadas por completo do que está ocorrendo. Salientamos que, quando nos referimos à correspondência entre valores e representações, não estamos falando de ajuste total. Deve-se estar atento à não-linearidade e à complexidade dessa relação.

É também importante notar que, quando falamos de cultura, estamos na verdade nos referindo a "culturas". Todos, de alguma forma, fazemos parte e estamos fora de um ou outro contexto cultural. Existe uma cultura brasileira que nos aproxima, mas quem é da região Norte experimenta certas peculiaridades de vida que

aqueles que moram na região Sul não conhecem, valendo também o contrário. Dentro do estado do Rio de Janeiro, quem vive em Volta Redonda e Resende tem sotaque e hábitos alimentares mais próximos dos habitantes de Minas Gerais do que dos cariocas, originários da capital. Na cidade do Rio de Janeiro, a vida no subúrbio da zona oeste apresenta características diferenciadas da vida da zona sul. E assim se traça um longo trajeto de aproximações e diferenças, que muitas vezes leva a tensões explícitas, ainda mais em uma sociedade na qual a intolerância ganha cada vez mais espaço.

Considerando todas as nuances, como julgar culturas? Existiria uma cultura melhor que outra? Realmente seria muito difícil, e mesmo equivocada, estabelecer tal julgamento. O pensamento central deve ser: respeito à diferença. Mais ainda: a construção da idéia de que o normal é ser diferente, e não a propagação do contrário, de que a homogeneidade é o interessante. Já dizia a canção de Caetano Veloso: "de perto, ninguém é normal". E dizia Gonzaguinha: "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é".

Mas percebamos que a formulação de valores, normas e representações nunca é casual. Existem processos claros de intervenção, de busca de manipulação, diretamente relacionados com as estruturas de poder da sociedade, como já vimos no capítulo anterior. Na esfera da cultura, defrontam-se pontos de vista nem sempre com equilíbrio de possibilidades de participação. Por isso, acreditamos que a intervenção cultural seja dimensão fundamental da atuação do profissional de lazer, sua tarefa principal para contribuir com a construção de uma ordem mais justa.

Enfim, quando falamos de cultura, estamos nos referindo a algo amplo e complexo, que abarca valores, linguagens e manifestações, ritos, símbolos, relações sociais, disputas de poder e manipulações. Devemos entendê-la não de forma linear e maniqueísta, mas sempre com base em uma visão de trocas e resistências (embo-ra haja muitas acomodações) entre o oral e o escrito, entre o macro e o micro, entre quem domina e quem é dominado. Estamos, enfim, falando de um campo de tensões e conflitos.

Mas, espera aí, como pensar em intervenção cultural com tanta manha complexidade e tensão? Pois é, admitamos que a atuação

do profissional de lazer é mais séria do que a princípio poderia parecer; requer preparação e disposição. Por agora, vamos voltar à definição do conceito de lazer; mais tarde, tentaremos definir melhor as características da intervenção desse profissional.

## VAMOS DEFINIR LAZER?

Abordado o conceito de cultura, é chegada a hora de definir lazer, definição fundamental para a melhor compreensão das possibilidades de intervenção profissional. Vale lembrar que, como vimos no capítulo anterior, o lazer é um fenômeno moderno, surgido com a artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção fabril desenvolvido a partir da Revolução Industrial. Lembremos também que, desde as origens, o lazer tem-se mostrado um campo de tensões, já que um tempo livre maior surge não como concessão dos donos dos meios de produção, mas sim como conquista das organizações das classes trabalhadoras. Nesse processo, a burguesia entabula iniciativas de controle e de obtenção direta e indireta de lucros, na mesma medida em que os trabalhadores entabulam resistências possíveis.

Nesse contexto, formulam-se equívocos perpetuados historicamente e que, de algum modo, até hoje subsistem entre nós:

- o lazer seria menos importante que o trabalho, lamentavelmente ainda tido como a dimensão mais importante da vida;
- o lazer, numa suposta escala hierárquica de necessidades humanas, seria menos importante que a educação, a saúde e o saneamento (com certeza todas essas dimensões humanas são fundamentais, mas por que seria o lazer menos importante? Além disso, existe relação direta entre lazer e saúde, lazer e educação, lazer e qualidade de vida, as quais não podem ser negligenciadas);
- o lazer é um momento de ócio, de ficar parado, quando não um momento de alienação da realidade (devemos estar atentos pa-

ra perceber que "não fazer nada" é uma possibilidade nos momentos de lazer, mas não a única).

O conceito de lazer estará exclusivamente relacionado com o tempo que sobra do trabalho? Esse é um parâmetro significativo a ser considerado, mas, isoladamente, apresenta claras restrições. Pensemos em um trabalhador com uma jornada de 8 horas. Identifiquemos o que ocorre com o restante do tempo em que ele não está trabalhando, as outras 16 horas. Destas, uma parte será utilizada em atividades ainda realizadas em decorrência do trabalho, por exemplo com o transporte até a empresa e com o retorno ao lar. Em algumas grandes cidades, esse tempo pode chegar a até 4 horas ou mais. Esse período dentro de carro, trem ou ônibus não pode ser considerado um tempo disponível para o lazer. Além do tempo de transporte, é hoje bastante comum o indivíduo ter de levar trabalho para casa ou, saindo da empresa, ir para a escola ou universidade, muitas vezes acompanhando cursos de capacitação profissional, cada vez mais exigidos pelo mercado de trabalho. Observamos assim uma significativa redução daquelas 16 horas supostamente "livres".

Ainda tem mais. Todos temos uma série de tarefas domésticas cotidianas que não podem ser encaradas como atividades de lazer, mesmo que tenham uma lógica diferenciada da do trabalho: pagar contas, limpar a casa, cuidar dos filhos, obrigações religiosas. Nos cuidados com a família, as mulheres, que ainda são em grande parte as principais responsáveis, acabam mais prejudicadas. Por isso, é comum falarmos em dupla jornada feminina, a do trabalho e a do lar.

Temos ainda as necessidades fisiológicas diárias, que não podem ser confundidas com lazer: almoçar e dormir (com duração desejável em torno de 6 a 8 horas). Vejamos que uma coisa é dormir por opção depois do almoço de domingo, outra coisa é desmaiar de sono ao fim de um dia árduo de trabalho. Uma coisa é, por opção, preparar e degustar um delicioso almoço com a família, outra é comer correndo no meio do expediente, simplesmente porque a fome é uma necessidade maior.

É fácil concluir que o tempo destinado ao lazer se reduz bastante, em alguns casos torna-se de fato bastante escasso. O mais

adequado, então, é afirmar que as atividades de lazer são observáveis no tempo livre das obrigações, sejam elas profissionais, religiosas, domésticas ou decorrentes das necessidades fisiológicas.

Então no lazer não há compromissos? Sim, há. Quando você vai ao cinema, deve respeitar o horário de início da sessão. Quando marca um futebol com os amigos, existe a hora de começar o jogo. A diferença está no grau de obrigação. Difícilmente pode-se escolher ou mudar com facilidade a hora de início e término da jornada de trabalho. Já nos momentos de lazer, pode-se optar com maior facilidade pelo o que se deseja fazer e em qual momento.

Outro parâmetro, muitas vezes adotado equivocadamente de forma isolada, para definir lazer é o prazer, algo que deve ser considerado essencial para o ser humano. É lógico que esperamos que as atividades de lazer sejam sempre prazerosas, mas esse sentimento não deve ser compreendido como exclusividade dos instantes de lazer.

O trabalho, por exemplo, deveria também dar prazer aos indivíduos. Lamentavelmente, da maneira como tem se organizado, de forma alienante e fragmentada, podemos dizer que um número significativo de pessoas não tem prazer em sua jornada, o que contribui para a compreensão de que a felicidade estaria restrita aos instantes de lazer. Algo como: "sou infeliz no trabalho, mas no lazer eu recupero a felicidade".

Não podemos perpetuar tal idéia: deveríamos lutar por uma concepção de trabalho como desenvolvimento humano, e não somente como instrumento que possibilita o pagamento das contas mensais — o que, aliás, está cada vez mais difícil, em função dos arrochos salariais advindos da desordem econômica reinante. O quadro de recessão econômica contribui até para que as pessoas busquem mais de um trabalho, para complementar sua renda, o que por certo diminui ainda mais a possibilidade de lazer. Além disso, devemos lembrar que, em uma sociedade na qual o desemprego é um dos problemas centrais — o que gera um enorme exercício de mão-de-obra excedente — é comum o temor da perda de emprego e da consequente dificuldade de reinserção profissional.

Assim, é melhor falar que os momentos de lazer pressupõem a busca pelo prazer, mas que este não é exclusivo dos momentos de lazer. E devemos ressaltar que falar de "busca pelo prazer" não significa que sempre se alcance o resultado esperado: quando as pessoas buscam lazer, espera-se que obtenham prazer, o que pode ser frustrado por problemas que eventualmente ocorram durante as atividades de diversão. De qualquer forma, ninguém sai de casa para se divertir esperando ter problemas.

Bem, podemos então definir as atividades de lazer pela conjugação desses dois parâmetros — um mais objetivo, de caráter social (o tempo), e outro mais subjetivo, de caráter individual (o prazer). Se anexarmos a isso as informações anteriores, teremos bons indicadores de definição:

- as atividades de lazer são *atividades culturais*, em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações;
- as atividades de lazer podem ser efetuadas no *tempo livre* das obrigações, profissionais, domésticas, religiosas, e das necessidades físicas;
- as atividades de lazer são buscadas tendo em vista o *prazer* que possibilitam, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades.

Esse conceito, em si, já apresenta desafios para o profissional de lazer. Nem sempre as pessoas procuram tais atividades objetivando o desenvolvimento pessoal, a educação, até mesmo em função do imaginário traçado historicamente em torno do lazer. Mas o profissional dessa área, com cuidado e habilidade, deve aproveitar a ocasião para educar seu público. Contudo, devemos lembrar que esses momentos são um tempo de maior liberdade e, em respeito a tal fato, devemos implementar com cuidado nosso compromisso de intervenção pedagógica. Por fim, as pessoas sempre procuram

prazer em seus momentos de lazer, e cabe ao profissional não ferir frontalmente tal expectativa, embora esteja preocupado em ampliar as compreensões de prazer de seu público-alvo.

### UM POUCO MAIS SOBRE O LAZER

Nos momentos de lazer, observamos as mais diferentes posturas possíveis. Um indivíduo pode tirar o domingo para ir com a família a um jogo de futebol do Campeonato Brasileiro; estará assistindo ao espetáculo esportivo, e isso é uma atividade de lazer. Mas também pode ter o seu joguinho de futebol semanal (conhecido em muitos lugares como "pelada") e essa é também uma atividade de lazer. Pode assistir a uma peça de teatro ou participar de um grupo amador organizado na Associação de Moradores local. Pode se deliciar com um espetáculo de música erudita ou cantar no grupo coral de sua igreja. Assistir e praticar são, então, duas possíveis posturas nos momentos de lazer.

Ao profissional de lazer cabe buscar um equilíbrio entre essas posturas, que aliás podem e devem se retroalimentar. Imaginem que, na cidade, esteja ocorrendo uma grande exposição sobre o surrealismo. Podemos, antes de levar nosso público-alvo à exposição de artes plásticas, dedicar algumas horas para apresentar o movimento artístico em destaque, suas características, os principais representantes e suas obras principais, bem como suas repercussões em outras linguagens (o cinema de Buñuel, a poesia de André Breton). Na volta da exposição, que tal se estimulássemos o pessoal a tentar compor quadros inspirados no que foi visto? A qualidade artística dos quadros não é o mais importante da atividade, mas sim o prazer e o conhecimento que ela possibilita.

Aliás, costumamos sempre dizer que uma das tarefas do profissional de lazer é mostrar a seu público que a vivência do lazer começa antes da atividade propriamente dita. Ir ao cinema começa quando nos programamos, convidamos alguém para nos acompanharmos, preparamo-nos lendo as críticas e buscando informações so-



bre o diretor, sobre os atores e sobre a proposta do filme. Se estamos previamente informados, por certo teremos maior possibilidade de potencializar o prazer extraído da atividade. Depois disso, vem o ato em si de ir ao cinema: comprar o ingresso, entrar na sala acanhada, esperar o momento em que as luzes se apagam e assistir ao filme. E a vivência não termina aí, já que, depois da sessão, podemos conversar sobre o filme, pensar sobre ele, identificar se causou alguma reflexão para nossa vida.

Lamentavelmente, pelos motivos já explicitados, construiu-se um conceito equivocados, que relaciona o lazer como algo alienado, algo para "você parar de pensar na vida". Brincamos sempre com nossos alunos dizendo que nos esforçamos muito para parar de pensar, mas nunca entendemos efetivamente como alguém o conseguiu! Com isso, não estamos dizendo que se deva ferir a perspectiva de prazer ou transformar a vivência de lazer em algo chato. Estamos afirmando que conhecer e pensar também podem ser atividades que causam um imenso prazer, conforme a ênfase dos diferentes momentos da vida.

Na verdade, esperamos que, enquanto profissionais de lazer, possamos contribuir para que nosso grupo deixe de ser apenas público, compreendido como categoria generalizada e como estatística, e passe a ser espectador crítico, atento e participativo na vivência de seus momentos de lazer.

Moltando às posturas e ao conceito de lazer, verificamos o quanto são tênues tais definições. Vamos retornar o exemplo do futebol. Será que todos que assistem ao jogo do Campeonato Brasileiro, ao qual você foi no domingo com sua família, estão tendo uma atividade de lazer? Não, pois o comentarista esportivo, o narrador e o jornalista estão lá a trabalho. Será que, para aqueles que jogam, é esta uma atividade de lazer? Também não, pois o atleta profissional está, naquele momento do jogo de campeonato, cumprindo sua jornada de trabalho.

Cozinhar é uma atividade de lazer? Depende. Se estamos cozinhando no domingo, preparando um prato especial, por pura opção e porque temos como *hobby* a culinária, sem dúvida é essa uma

atividade de lazer. Mas, se sou contratado como cozinheiro de uma rede de restaurantes, e tenho de diariamente organizar as tarefas da cozinha, isso é trabalho; o que não significa que esse mesmo cozinheiro não possa ter a culinária como atividade de lazer aos domingos. E o que dizer do ato cotidiano de cozinhar, para dar conta de nossa alimentação diária? Nem trabalho, nem lazer, mas sim obrigação doméstica.

O que acontece muito é uma atividade de lazer acabar se transformando, até mesmo em decorrência de condições econômicas, em uma atividade de trabalho. Uma senhora tem como *hobby* fazer roupas de tricô, com as quais presentearia seus familiares. Um amigo da família vê essas peças, acha-as bonitas e pede para a senhora fazer uma semelhante, propondo-se a pagar para tal. Dali a pouco, várias pessoas começam a também pedir roupas de tricô, e a senhora passa a dedicar parte de seu tempo ao cumprimento desses compromissos. Não é incomum a situação eventual virar uma rotina de trabalho. Em uma sociedade como a nossa, em que se reduz marcadamente o número de postos de emprego formal, isso é bastante comum.

Além, vale a pena lembrar que o profissional de lazer é um trabalhador. Quando estamos atuando, as atividades são de lazer para nosso grupo, mas, para nós, são atividades de trabalho, e a postura exigida é a de um profissional, ainda que tais tarefas sejam divertidas e prazerosas também para nós. O profissional de lazer é o primeiro que chega, é quem organiza tudo e arca com a responsabilidade (em muitos casos, inclusive legal) de conduzir a atividade com segurança e cuidado, e é o último a sair, quando todos já foram para seus lares. Depois, ainda deve avaliar a realização do trabalho. O grupo tem a opção de participar ou não, nós profissionais temos a responsabilidade de comparecer, até porque, na maior parte das vezes, somos pagos para a realização e/ou condução do programa.

Existem ainda as atividades que se situam em uma área intermediária entre lazer e trabalho — a tal ponto que o sociólogo francês Joffre Dumazedier denomina-as de semilazer. Imaginem a seguinte situação: um casal de namorados está próximo de se casar e

resolve construir sua casa em cima da casa dos pais. Convoça então um mutirão de amigos para que todos ajudem na tarefa de construção. No Rio de Janeiro, chamamos a isso de "virar a laje" ou "subir a laje". Enquanto os homens se dedicam às tarefas específicas da construção, as mulheres preparam o almoço, uma feijoada, um mocotó ou algo assim. Ao fundo, no equipamento de som, ecoa o último CD do Zeca Pagodinho. Depois de cumprida a tarefa pesada, todos almoçam, conversam, e de repente rola uma roda de samba. Percebam como a atividade acaba apresentando características mistas.

Como trabalho e lazer não são dimensões opostas da vida humana, também não é incomum a incorporação (ou tentativa de) de especificidades de uma à outra, o que sempre deve ser observado com olhar crítico. É o que chamamos de *produção do lazer e pseudoludicidade do trabalho*. Falemos um pouco da primeira.

Imaginemos uma excursão organizada por uma empresa de turismo. Em muitos casos, há a figura do guia turístico. Esse profissional prepara uma programação para os membros da excursão. Algum problema nesse programa? Depende, se ele for uma opção, ótimo. Mas se for extremamente rígido, com horários apertados, cheio de correria, e quase uma obrigação para todos, será bastante ruim. Estaríamos levando a lógica da rotina diária, marcada pelo trabalho, para os momentos de lazer.

É impressionante, embora não surpreendente, como algumas pessoas não conseguem se desligar do trabalho nos momentos de lazer. Assim, nesses momentos, reproduzem a mesma lógica rígida de tempo controlado, marcam muitas coisas ao mesmo tempo e continuam correndo, quando não utilizam o tempo para se encontrar com colegas de trabalho e continuar a falar sobre as tarefas profissionais. Algumas pessoas chegam mesmo a se negar a tirar férias ou a deixar de trabalhar nos fins de semana, apresentando-se orgulhosamente como *workaholics*. Quando deixam de trabalhar, entram em depressão e têm até problemas físicos. Esse estado patológico é denominado Síndrome do Lazer.

O profissional de lazer deve tomar cuidado para não reproduzir esse modelo. Lembremos sempre que os momentos de lazer devem ter uma lógica diferente de organização de tempo, que o grupo deve ter a possibilidade de escolha e que deve haver tempo suficiente para as pessoas desfrutarem das atividades realizadas.

Por outro lado chamamos de *pseudoludicidade do trabalho* às iniciativas implementadas por algumas empresas de permitir determinadas "vivências lúdicas" no âmbito de trabalho. Um exemplo disso é encontrado em algumas firmas ligadas à internet: no mesmo local de trabalho, os empregados dispõem de sala de repouso, máquinas de fliperama e outras possibilidades de "diversão". O que não se explicita, contudo, é que esses mesmos indivíduos trabalham 12, 14 e até 16 horas por dia. Por trás de um benefício, encontramos, na verdade, uma forma de prolongar a jornada e manter o trabalhador mais tempo no espaço de trabalho.

Lembremos: trabalho é uma coisa, lazer é outra. Ambos são dimensões importantes da vida humana, ambos deveriam proporcionar prazer, mas não devemos confundir as coisas e entender a relativa autonomia de cada campo.